

economia

Movelsul projeta R\$ 527 milhões em negócios

Feira realizada em Bento Gonçalves organizou a vinda de 60 importadores; Apex e Abimóvel trouxeram outros 26

/ POLO MOVELEIRO

Roberto Hunoff, de Bento Goançalves
economia@jornaldocomercio.com.br

Com público em busca de negócios e conexões, a Movelsul 2026 recebeu 17.238 visitantes de todas as regiões do Brasil e de quatro continentes (Américas, Europa, África e Ásia), com projeção de R\$ 527 milhões em negócios, baseados principalmente em exportação e especificadores como incorporadoras, arquitetos e grandes redes hoteleiras. A 24ª edição, realizada de 17 a 20 de fevereiro de 2025, teve 247 expositores e 19.868 visitantes de 47 países.

No Parque de Eventos de Bento Gonçalves, a 25ª reuniu 300 marcas expositoras de mais de 80 cidades brasileiras, criando um ambiente para lojistas, redes de varejo, arquitetos, designers de interiores e especificadores conferirem as novidades de móveis, colchões, estofados e decorações. A próxima edição está confirmada para 2028, mas a definição da data ocorrerá após avaliação de pesquisa de satisfação realizada junto aos expositores.

Presidente do Sindmóveis, entidade realizadora da Movelsul Brasil desde 1977, Cíntia Weirich destaca a diversidade des-



Feira registrou recorde de 300 expositores e atraiu 17,2 mil visitantes do Brasil e de quatro continentes

ta edição. “Esta feira confirmou que o setor moveleiro brasileiro está em constante movimento. Recebemos público qualificado, com poder de decisão e disposição para fazer negócios, desde lojistas que vieram pela primeira vez até importadores de 40 países. Esse é o legado que queremos deixar: uma Movelsul que pertence a toda a cadeia moveleira do Brasil”, avalia.

Em conversas com expositores participantes das rodadas de negócios com importadores, a dirigente identificou contenta-

mento pela abertura de oportunidades para amenizar as perdas decorrentes das tarifas norte-americanas, impostas no ano passado, e a própria situação econômica interna.

“O mercado doméstico está travado, o endividamento das famílias é elevado e a concorrência, crescente. Por isso, a possibilidade de ampliar as exportações para novos mercados é fundamental para todo o setor”, frisou Cíntia.

A feira organizou a vinda de 60 importadores, enquanto

ação da Apex e Abimóvel trouxe mais 26 de 16 países. Também foram identificados compradores do exterior que, tradicionalmente, participam da feira. “Para as médias e pequenas empresas, contribui muito para a abertura de mercados no exterior, pois gera um contato que, dificilmente, seria possível se o empresário decidisse agir isoladamente”, argumenta.

Cíntia comenta que o pedido de recuperação judicial das Casas Bahia também impactará negativamente o setor, dificultando

ainda mais o desempenho deste ano, que deve manter-se no nível de 2025. “Trabalhamos para repor, pelo menos, a inflação, mas é certo que a rentabilidade será menor. Empresas estão fechando pedidos para manter a máquina funcionando”, registra.

A presidente relata que a feira tem se adequado aos movimentos do mercado, exigindo constante mudança e inovação. O espaço Conecta, criado em 2025, que se manteve nesta edição, é um exemplo. Pela primeira vez, a feira trouxe 56 convidados do segmento corporativo para um roteiro intenso com visita ao Movelsul Conecta, pavilhão onde estavam marcas de móveis planejados e corporativos, decoração e serviços; imersão nos bastidores da indústria, eventos de relacionamento e 388 rodadas de negócios.

Segundo Cíntia, o espaço foi estruturado diante da percepção de que alguns associados não se viam mais contemplados pela feira tradicional. A presidente ainda destacou o número recorde de expositores, vindos de nove estados, que adquiriram 100% da área de exposição colocada à disposição. Ela reconhece que o espaço ocupado foi igual à feira passada, resultado de uma tendência de mercado por estandes menores.

Endividamento muda hábitos de consumo em bares e restaurantes

/ CONSUMO

Sofia Kramp Leke
sofia@jcrs.com.br

Os tradicionais café depois do almoço, sobremesa após o jantar ou aquela saída para comer no fim de semana também passaram a exigir mais planejamento financeiro de parte dos brasileiros. Com o orçamento das famílias cada vez mais comprometido com dívidas, o setor de alimentação fora do lar sente os reflexos de uma renda com menos espaço para gastos secundários.

No Rio Grande do Sul, a inadimplência cresceu 0,54% em julho e atingiu 46,76% dos gaúchos, segundo dados da Serasa. São mais de 4.158 milhões de consumidores inadimplentes que juntos devem mais de R\$ 34,1 bilhões, sendo que o tiquete médio por inadimplente é de R\$ 8,2 mil.

O presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes Seccional Rio Grande do Sul (Abrasel-RS), Leonardo Dorneles, afirma que os últimos anos vêm sendo marcados pela redução de clientes em bares e restaurantes. “Com essa mudança no perfil do consumidor, observamos também que questões como renda comprometida, endividamento e bets se somam a essa menor frequência nos bares e restaurantes”, aponta.

Além da questão econômica, a febre das canetas emagrecedoras já começa a moldar novos hábitos alimentares também nas refeições fora do lar, pois consumidores que utilizam o medicamento acabam optando por porções reduzidas ou compartilháveis. Nelson Ramalho, presidente do Sindicato de Hospedagem e Alimentação de Porto Alegre e Região (Sindha), destaca

que “os restaurantes estão tendo que se adaptar dentro desse processo, procurando criar novas maneiras de seduzir o cliente a optar pelo seu estabelecimento”.

Entre bares e restaurantes, essa mudança aparece em escolhas mais econômicas. O cliente pesquisa mais os preços, reduz o valor gasto em cada visita e abre mão de itens adicionais, como sobremesas e bebidas. A busca do consumidor passa a ser por estabelecimentos que entreguem uma maior opção de custo-benefício. Dorneles explica que “o consumidor continua com a necessidade de ir no restaurante, o que realmente acontece é que o cliente acaba diminuindo muito mais a frequência do que propriamente o consumo por conta do endividamento”.

A pressão, por outro lado, também chega aos empresários. Em julho, 40% dos estabeleci-

mentos não conseguiram reajustar os preços dos cardápios nos 12 meses anteriores, enquanto apenas 5% fizeram correções acima da inflação. Com menos espaço para aumentar os valores sem perder clientes, os negócios acabam absorvendo parte da alta

dos custos. Em junho ano Rio Grande do Sul, 49% dos estabelecimentos pesquisados pela Abrasel afirmaram ter operado com lucro, enquanto 19% registraram prejuízo. Ainda assim, 45% apontaram queda no faturamento em relação a maio.



Febre das canetas emagrecedoras também molda novos hábitos